


O legado intelectual de Bourdieu e a gênese de um programa de pesquisa sociológica na Argentina: entrevista com Fernanda Beigel

Virgílio Borges Pereira^I 

Igor Gastal Grill^{II} 

Fernanda Beigel, como foi o seu percurso de formação intelectual? E qual é o estatuto da obra de Bourdieu nesse processo?

Eu sou socióloga. Terminei minha graduação em 1993 e, depois, o doutorado em Ciências Políticas e Sociais no ano de 2001. Em nossa formação na faculdade e no curso de graduação, a verdade é que Bourdieu tinha um papel marginal. Só se lia o *Ofício de Sociólogo* na disciplina de Epistemologia, pelo o que me lembro, mas nada mais. A formação era muito baseada na teoria marxista, mas muito limitada, logo, não proporcionava uma formação teórica abrangente, nem fornecia formação metodológica e estatística suficiente para incentivar a investigação de diversos fenômenos sociais.

A partir do fim da graduação, comecei minha formação com um orientador que tinha regressado a Mendoza, proveniente do exílio, em 1985. Era um latino-americanista muito relevante, Arturo Andrés Roig, que já tinha um grupo bem grande trabalhando na construção de uma história das ideias latino-americanas. E foi ele que orientou a minha primeira pesquisa, que é um pequeno trabalho de conclusão do que eu fiz na graduação, e que me permitiu entrar no mundo dos es-

tudos latino-americanos. Mas estudar com Roig significava entrar na história cultural, na filosofia da libertação, na linguística, em suma, Roig era um erudito que respondia a qualquer questão teórica, filosófica ou histórica com uma “pilha” de dez livros para ler numa semana.

Sob a direção de Roig, pude apresentar um projeto de bolsa de pesquisa no CONICET [Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas], no qual ele me propôs trabalhar sobre a revista *Amauta* (1926–1930), dirigida por José Carlos Mariátegui, consciente de que eu não queria pesquisar o século XIX a não ser ancorada no século XX. Desde o princípio eu tentei discutir com ele o enfoque: ele era um historiador e filósofo e eu queria fazer sociologia, mas eu não tinha uma formação disciplinar rigorosa, nem tinha argumentos fortes para recusar algumas dessas “pilhas” de livros. Por isso, li-os de forma disciplinada. Aqueles anos foram para mim uma maravilhosa formação humanista. Penso que toda a minha formação sociológica em geral foi muito eclética e autodidata, de maneira que “briguei” (como se diz em português) com o meu orientador, de forma amável e carinhosa. Porque realmente ele foi um grande professor, que me ensinou os

^IUniversidade do Porto – Porto, Portugal. E-mail: jpereira@letras.up.pt

^{II}Universidade Federal do Maranhão – São Luís (MA), Brasil. E-mail: igorgrill@terra.com.br

Recebido em: 23/07/2019. Aprovado em: 24/07/2019

pilares dos estudos latino-americanos para poder manter-me na área da Sociologia ou na perspectiva *sui generis* da Sociologia, tal como eu mesma pensava que a entendia.

Minha tese de doutorado foi praticamente uma sociologia da arte, uma sociologia do vanguardismo estético-político dos anos 1920 e do papel de Mariátegui no editorialismo e no movimento indígena. Foi por causa disso que, em determinado momento, para poder interpretar esse movimento vanguardista que eu observava no período dos anos 1920 em toda a América Latina, comecei uma busca por interpretações sociológicas sobre vanguardismo e sobre sociologia da arte. E aí foi o meu primeiro encontro com Bourdieu, que não foi precisamente uma leitura mais tradicional ou sistemática, aquela que normalmente se adquire na formação inicial, mas como resultado da minha luta desesperada para fazer da minha tese uma tese “sociológica”, e para responder às perguntas sugeridas pelas revistas de vanguarda que estava estudando. E agora que penso melhor nesses anos, lembro-me que uma das “batalhas” mais importantes com Roig teve a ver com a sua postulação de que “os textos estão grávidos de contexto” e que, por isso, poderíamos encontrar os conflitos sociais, as classificações e as épocas dentro das próprias revistas de vanguarda.

Esse primeiro encontro foi em 1996, quando vi citado num livro, numa compilação de textos de Bourdieu que se chama *The Field of Cultural Production* (1993), que é uma compilação — que só existe em inglês porque é uma tradução de uma série de textos que não foram originalmente escritos em francês e nem existe uma tradução em espanhol dessa compilação —, mas contém textos relevantes dos estudos de Bourdieu em relação à arte vanguardista. Para mim foi uma aproximação muito interessante poder

pensar o mundo artístico em termos de campo, e, sobretudo, ele partiu da oposição entre uma arte pura vanguardista e a indústria cultural, o que me permitiu compreender e conceitualizar as disputas das vanguardas latino-americanas que giram em torno da arte pela arte e da arte comprometida. Foi assim minha primeira aproximação, e só muito tempo depois eu li *A Distinção* ou outros trabalhos de Bourdieu. Alguns deles quando iniciei uma formação teórica e sociológica no meu pós-doutorado.

A minha principal preocupação nessa tese de doutorado e nessa pesquisa sobre o vanguardismo — que, por definição, era estético e político e não havia maneira de dividir esses dois aspectos desse movimento — era compreender o conceito de autonomia, reconstruí-lo e recriá-lo à luz desse vanguardismo, tão diferente da arte-purismo que Bourdieu tinha visto e da indústria cultural do período que havia analisado. E sim, foi muito útil para mim começar a pensar em termos de campo esse espaço cultural e esse recorte dos anos [19]20. A partir daí, continuei interessada na leitura da obra de Bourdieu e, em uma primeira etapa, ainda autodidata e com uma leitura bastante solitária, que se prolongou durante muitos anos, até 2003–2004. Nesta ocasião ganhei dois prêmios, que me permitiram viajar a Paris para conhecer o centro de pesquisas de Pierre Bourdieu, mas ele já havia falecido. Era um momento de uma crise brutal financeira, econômica, política e social na Argentina, que ocorreu em 2001, e realmente a premiação foi a única possibilidade que eu poderia ter tido de viajar para França e conhecer o centro de pesquisas de Bourdieu.

Eu aproveitei esses dois prêmios remunerados para contatar o Centro de Sociologia Europeia, como se chamava na época, e o contato inicial que fiz foi respondido com

muita rapidez e interesse por Gisèle Sapiro. De modo que, a partir de 2004, todo o meu vínculo, cada vez mais intenso com o mundo de Pierre Bourdieu e o Centro de Sociologia Europeia, com seus ex-colaboradores e discípulos, foi através de Gisèle Sapiro, Yves Dezalay, Sergio Miceli, Afrânio Garcia, Julien Duval, Johan Heilbron. Fiz excelentes amizades e aprendi muito com todos aqueles que ali conheci.

Bom, fui fazendo diversas visitas por ter-me integrado em muitos projetos com eles, e também fiz algumas estadias longas, umas três ou quatro estadias de três meses no Centro de Sociologia Europeia. Tive a oportunidade de assistir aos seminários de Julien Duval para poder treinar a Análise de Correspondências Múltiplas, que depois usei também com o meu grupo de pesquisa aqui.

A partir de 2005, comeci a formar um grupo de pesquisa aqui em Mendoza, que atualmente tem 20 pessoas, das quais 12 já têm doutorado, muitos deles são pesquisadores do CONICET e professores. E levamos adiante programas de pesquisa, digamos, articulados e em um coletivo grande de trabalho sobre a circulação internacional do conhecimento produzido na periferia.

Como interpreta a recepção que foi feita da “obra” de Bourdieu na Argentina? É possível observar diferenças na apropriação do esquema analítico entre as diferentes gerações de cientistas sociais argentinos e conforme as distintas disciplinas ou subdisciplinas?

Sobre a recepção de Bourdieu na Argentina, há, para mim, uma complexidade que tem a ver justamente com o papel muito fraco que Bourdieu teve, em geral, nos cursos de Sociologia na Argentina durante o final dos anos 1980 e toda a década de 1990, que foi o período em que a Sociologia voltou a

existir na Argentina, depois de ter sido extinta durante a ditadura. Durante todo esse período não havia muitos leitores de Bourdieu, nem professores muito dedicados a esse tipo de teoria contemporânea, pois estavam um pouco mais apegados às teorias marxistas dos anos 1960 e 1970.

O panorama mudou a partir dos anos 2000. Eu creio que, na Argentina, nossa melhor professora bourdieusiana é Alicia Gutiérrez. Temos outro grande leitor de Bourdieu, um metodólogo especialista em Análise de Correspondências Múltiplas, que conheci em 2004 e que tenho a sorte de tê-lo como colega, trabalhando juntos há muitos anos: Denis Baranger. Da minha geração, considero que outro leitor de Bourdieu que teve, aliás, um contato direto com Bourdieu, um amigo muito querido, e que está muito ligado ao Brasil e à França, é Gustavo Sorá, da Universidade de Córdoba. Ele também tem mantido, nesses anos todos, um vínculo direto com a equipe de Bourdieu. Trabalhamos juntos também em projetos que foram dirigidos por Gisèle Sapiro, como o INTERCO-SSH [Historia Internacional de las Ciencias Sociales], e outros projetos internacionais. Eu o considero também parte de meus colegas e equipe. Creio que essas pessoas realmente foram os leitores de Bourdieu e os pesquisadores mais importantes na Argentina, que fizeram traduções e difundiram a obra de Bourdieu em um período no qual, na Argentina, havia pouca presença de Bourdieu.

Creio que, realmente, na universidade argentina, a recepção que houve de Bourdieu até o ano 2000 foi uma recepção muito ligada à sua contribuição epistemológica, ao invés de uma recepção mais ligada às suas propostas de pesquisa, seu programa de pesquisa, que são um pouco mais recentes. Bourdieu aparece forte no CONICET,

em todas as pesquisas que vou conhecendo, não somente como leitora e pesquisadora, mas também como parecerista de projetos, de bolsas, de ingresso nos cursos etc., mais recentemente, nos últimos 15, 18 anos. Nesse processo, acredito que ele começa a ter uma incidência cada vez maior no ensino de graduação e pós-graduação, assim como nas pesquisas, na Argentina.

A respeito do uso do marco analítico bourdieusiano na Argentina, creio que nos últimos anos está muito mais alargado, sobretudo no setor mais jovem do mundo científico argentino das ciências sociais. Observa-se nas comissões avaliadoras, nas teses, um uso mais alargado do marco bourdieusiano, mas, em minha opinião, trata-se de um uso bastante instrumental, digamos, das categorias, instrumentos mais básicos, das categorias de campo. Agora, não observo, pelo menos na Argentina, um desenvolvimento mais teórico-analítico do modelo em sua aplicação criativa.

Como você observa as principais controvérsias em torno da produção de Bourdieu no cenário mais recente da sociologia francesa, bem como as possíveis reformulações do esquema analítico entre “usuários” e as disputas em torno do “legado” depois de sua morte? Há reflexos dessas lutas entre os pesquisadores argentinos? Quais?

Controvérsias... Bourdieu atualmente tem um peso muito grande dentro da tradição da faculdade e da universidade, mas não vejo grandes controvérsias. Parece-me que um momento muito importante de um debate que Bourdieu levantou internacionalmente, e que na Argentina teve impacto, igual ao ocorrido no Brasil, no ano de 1998, foi o seu artigo traduzido para o espanhol como “Sobre las astucias de la razón imperia-

lista”, que se mostrou com uma recepção local muito interessante nesse momento, final dos anos 1990, conduzida por Lucas Rubinch, da Universidade de Buenos Aires. Foi um debate interessante que se deu em uma revista chamada *Apuntes de Investigación*, que mostrava a vitalidade do debate de Bourdieu, do interesse por Bourdieu na Argentina. O objetivo central do *dossier*, que publicaram em 1999, era refletir sobre a função dos intelectuais de um espaço cultural periférico. Porque a produção de conhecimento tinha sido gravemente prejudicada pelas políticas neoliberais e eles sentiram que as agências internacionais tinham se tornado “produtores diretos” em vez de “assistentes financeiros”. Para *Apuntes*, a submissão à ajuda externa tinha acabado por diminuir drasticamente a autonomia do sistema científico e, por isso, pareceu-lhes que a denúncia de Bourdieu e Wacquant em 1998 refletia a situação argentina. No ano seguinte, *Apuntes* publicou um artigo de Mark Alan Healey, um antropólogo americano que viveu na Argentina por muito tempo, com um breve esclarecimento de que era um “artigo crítico” sobre o texto de Bourdieu e Wacquant. Healey alegou que Bourdieu e Wacquant simplificaram a questão do imperialismo cultural e que consideravam o campo intelectual brasileiro como uma mera cópia de ideias estrangeiras. Fiz um estudo sobre este debate e suas ramificações no Brasil e na Europa, e acho que ele teve poucas, mas sonoras, repercussões. Na Argentina foi um capítulo bastante marginal, que não teve muito impacto nas discussões acadêmicas e que se concentrou mais na dimensão política da trajetória do “militante” Bourdieu.

Sobre o desenvolvimento do esquema de Bourdieu depois de sua morte na França, minha vinculação principal é com a equipe de Paris, Gisèle Sapiro, Johan Heilbron,

Julien Duval e Afrânio Garcia, Yves Gingras, do Canadá, e Marco Santoro, da Itália. Acredito que em toda essa equipe, que formulou o projeto financiado pela comunidade europeia para fazer uma história das ciências sociais, houve um desenvolvimento das propostas bourdieusianas em torno do que significa historicizar as ciências sociais. O que anteriormente foi o Centro de Sociologia Europeia teve um desenvolvimento em linhas distintas, especialmente por Gisèle Sapiro e suas pesquisas sobre desinteresse e responsabilidade dos escritores. Também me parece que há aí uma discussão em torno do conceito de campo, que é interessante e é onde eu estou fundamentalmente envolvida, dialogando bastante com Marco Santoro e com a própria Gisèle sobre a relação do conceito de campo e de circuito, que é o que particularmente eu venho desenvolvendo. Creio que essa linha terá muito para discutir.

Você citou Gisèle Sapiro, Yves Dezalay, Sergio Miceli, Afrânio Garcia, Julien Duval, Johan Heilbron. Poderia detalhar como a interlocução com esses pesquisadores e seus trabalhos contribuíram para suas investigações?

Sim, claro. Eu havia comentado nas respostas às perguntas anteriores. Gisèle foi a primeira pessoa que contatei no antigo Centre de Sociologie Européenne, em 2003. Contato relacionado a muitos anos anteriores de trabalho, em torno da sociologia da vanguarda na América Latina. Os temas de interesse de Gisèle sempre estiveram ligados à literatura, ao compromisso político dos editores. Então, todo o meu trabalho de pesquisa doutoral sobre o vanguardismo estético-político dos anos de 1920, que ocupou praticamente dez, 12 anos da minha vida, foi o que me ligou mais a Gisèle. E a partir daí começamos a ligar os interesses no estu-

do das ciências sociais. Conheci-a na minha primeira residência pós-doutoral no CSE [Centre de Sociologie Européenne], em dezembro de 2004. Mantenho até hoje muitos interesses em comum com a Gisèle, sobretudo ligados à distribuição mundial dos leitores de Bourdieu, suas traduções e tudo o que tenha relação com a circulação internacional de Bourdieu.

Com Yves Dezalay, Afrânio Garcia e Sergio Miceli foi construída uma forte relação acadêmica e pessoal a partir das minhas visitas ao CSE, em Paris. Convidei-os para vir a Mendoza para o *Colloque Circulation Internationale des Idées*, com Gustavo Sorá, Jean-Yves Mollier e Diana Cooper-Richet, que ocorreu em agosto de 2006. Isto fortaleceu nossos laços de colaboração e foi muito importante para consolidar nossa rede local com Sorá, na Argentina. No mesmo ano de 2006, também convidei Denis Baranger para dar um seminário sobre Bourdieu e a Análise de Correspondências Múltiplas em Mendoza.

Por outro lado, com Julien Duval o contato começou quando eu fiz o seminário que ele ministra sobre Análise de Correspondências Múltiplas na EHESS [École des Hautes Études en Sciences Sociales]. Portanto, meu primeiro contato com ele foi em 2008, baseado no interesse que eu tinha em compreender e manejar essa técnica. E com ele tive a oportunidade de discutir e compreendê-la em profundidade a partir do artigo de Bourdieu que mais me serviu para poder pensar a Análise de Correspondências Múltiplas na América Latina. O artigo sobre os editores, no qual ele analisa o campo da edição.

No que diz respeito tanto a Gisèle como a Johan Heilbron, a história das ciências sociais se converteu em um interesse comum, a história da sociologia também, mas participamos de um projeto internacional junto

com Gustavo Sorá, que é argentino também, que foi o projeto INTERCo. Esse projeto foi financiado pela União Europeia e significou quatro anos de trabalho realizado, com a pretensão de construir uma história mundial das ciências sociais, dentro de uma perspectiva de campo, a partir do estudo de oito casos nacionais, principalmente países europeus, mas a eles se juntou a Argentina. Foi feito um estudo sobre o processo de institucionalização das ciências sociais em cada país, assim como estudos de recepção e de internacionalização.

Gisèle, Gustavo, Denis, Alicia, Yves, Afrânio e Johan fazem parte do que, para mim, é a minha própria comunidade de leitores, no sentido de ter partilhado com eles diferentes trabalhos que me permitiram discutir coletivamente a minha própria leitura de Bourdieu e a análise heterodoxa que fiz dos dados que recolhi nos estudos comparativos que realizei sobre a Argentina e o Chile. Embora eu tenha muitos outros leitores relacionados com outras áreas do meu trabalho, leio muito os meus colegas que trabalham com um marco bourdieusiano, e eles são realmente leitores assíduos, leitores importantes para o desenvolvimento de meus trabalhos.

Você citou a importância de Alicia Gutiérrez, Denis Baranger e Gustavo Sorá na importação de Bourdieu para a Argentina. Poderia sublinhar os campos de estudos que foram abertos no país por esses cientistas sociais?

No caso de Gustavo Sorá, eu creio que é um caso importante relativamente à recepção de Bourdieu na Argentina. Foi Gisèle Sapiro que me ligou a Sorá, em 2004, com base nos nossos interesses comuns em torno da circulação internacional de Bourdieu. Gustavo teve sempre como interesse principal tudo que está ligado à edição de livros, feiras

internacionais de livros... Então me parece que Gustavo inaugurou na Argentina um programa de pesquisa, não só estabelecido em Córdoba, mas que também tem pesquisadores em Buenos Aires, como Alejandro Dujovne. Eles se dedicam, particularmente, à edição, seja a edição de livros, a tradução de livros e a tudo o que isso significa, desde uma perspectiva bourdieusiana, na relação entre a tradução e a importação e exportação de traduções de livros das ciências sociais e humanas na América Latina, e em relação com a França e a Europa. Creio que Gustavo sempre teve uma marca muito forte de estudos comparativos, tanto Brasil e Argentina como França e Argentina, em torno de traduções, que me parece ter aberto um espaço, um campo de estudos muito especializado.

A impressão que eu tenho é que existe um campo bourdieusiano argentino fora do que é o âmbito central portenho de Buenos Aires, e que essa rede intelectual, que opera no interior do país, construiu uma comunidade interessante, não só de leitores e críticos mútuos, mas de colaboradores... Eu trabalhei assiduamente com Gustavo Sorá até 2018 e com Denis Baranger até a atualidade. Tanto Gustavo quanto Alicia Gutiérrez estão ancorados em Córdoba, que é uma cidade importante da Argentina. É a segunda cidade em importância... Eu estou em Mendoza, Denis Baranger está em Misiones, que é uma cidade ao norte da Argentina. Então criamos uma relação muito assídua, uma colaboração permanente, não somente de leitura e discussão conjunta, mas também de colaboração em pesquisas complexas.

No caso de Alicia Gutiérrez, eu a considero a principal maestra de Bourdieu na Argentina, porque para além das leituras de Bourdieu — que se comentavam em reuniões em Buenos Aires, em qualquer outro centro acadêmico do país —, Alicia foi a

sua grande tradutora. Então, se olharmos as traduções mais importantes, como *Homo Academicus* ou *La Nobleza del Estado*, também *Intelectuales, Política y Poder*, que é uma compilação de textos de Bourdieu entre as mais lidas na Argentina, pelo menos, ela não foi só a tradutora, mas também introdutora, no sentido de ter feito os estágios de preparação e prefácios para os leitores. Parece-me que o papel de Alicia é fundamental, inclusive nos seus trabalhos mais pedagógicos, educativos, do tipo manuais, que foram de uso fundamental para que os que querem estudar Bourdieu e para pesquisar.

No caso de Denis, como também no de Alicia, ambos trabalharam em distintos âmbitos — Alicia mais no âmbito da educação, da sociologia do capital cultural e das classes, Denis em torno das ciências sociais e dos acadêmicos — com a técnica de Análise de Correspondências Múltiplas. Então nós temos um triângulo de trabalho permanente, lendo-nos uns aos outros constantemente quando fazemos estudos que incluem a Análise de Correspondências Múltiplas.

Alguns estudos, como o de Federico Neiburg e o de Silvia Sigal, apontam fatores que funcionam como obstáculos à autonomia da produção cultural/científica em contextos como o da Argentina. Especialmente, eles demonstram a existência de uma forte dependência de problemáticas exógenas, como aquelas constituídas em arenas das lutas políticas e em centros ocidentais. Como você analisa as condições existentes à produção de um saber sociológico com alguma autonomia, independência e especificidade no caso argentino?

Creio que isso que vocês estão citando, tanto de Neiburg como de Sigal, obedece a uma análise que ambos fizeram sobre a

politização e a intervenção da politização dos campos acadêmicos na América Latina, particularmente na Argentina e no Brasil. Entretanto, no caso de Sigal ou Neiburg, quando falam de Argentina, estão pensando nos termos daquele Bourdieu do *Homo Academicus* e no papel que a politização gerava como um fator exógeno, que não permitia refratar, digamos assim, essa dinâmica política, e isso diminuía a autonomia desses campos acadêmicos e intelectuais.

Agora, não sei se cabe aqui ampliar demais, mas em nível histórico, em um trabalho que fizemos na nossa equipe a partir da perspectiva bourdieusiana, fizemos uma leitura sempre reflexiva e crítica da noção de autonomia, nos seus distintos significados: enquanto profissionalização e institucionalização de um espaço com uma libido específica, enquanto autonomia/heteronomia de um campo nacional relativamente a ingerências “estrangeiras”, e também no sentido de liberdade. Quer dizer, a autonomia acadêmica relativamente a distintos poderes, principalmente o econômico. Nosso Bourdieu, que nós havíamos lido e trabalhado para pensar a autonomia das ciências sociais em nossos países, é um Bourdieu que conjugava aquela preocupação quanto à ingerência externa, especialmente em relação à politização, pensando, por exemplo, no seu *Homo Academicus*; mas também aquele Bourdieu que apelou à politização, entre 1998 e a data da sua morte, digamos. Fizemos a sua leitura à luz de um Bourdieu militante contra a *doxa* neoliberal.

O que quero dizer com isso? Quando Bourdieu começa a advertir sobre a força da intervenção exógena da globalização acadêmica, do neoliberalismo, dessa *doxa* global que penetrava dentro da intelectualidade, e quando ele começa a potencializar essa vocação de liberdade e autonomismo, que podia exercer-se em luta contra essa *doxa*, creio que

ai Bourdieu começa a visualizar o que para nós é absolutamente claro hoje em dia, quase 20 anos depois de sua morte. Refiro-me ao capital científico “puro” — aquele que impulsionava quem o detinha a refratar as ingerências politizantes nos anos [19]60, [19]70, ou, inclusive, nos anos [19]80 —, que foi, paulatinamente, convertendo-se em um capital alegadamente universal, ligado à lógica mercantil das grandes editoras científicas, minando a “autoridade científica” que Bourdieu sempre imaginou para o plano nacional ou local. Essa globalização acadêmica em termos de imposição de padrões globais, *rankings* universitários, padrões de publicação, padrões de conceitualização, foi algo que ele observou em *Sur les ruses de la raison impérialiste*, em 1998: aquelas astúcias da razão imperialista que incorporavam categorias e as deslocavam para outros campos.

A interferência de uma globalização de conceitos, de uma globalização de uma *doxa* nos campos acadêmicos, não somente no sul, mas também no norte, nos faz pensar que essa politização de que falava Neiburg e Sigal não é a única interferência, nem é uma interferência específica e única dos países da periferia.

Diferentemente de Bourdieu e Wacquant naquele texto de 1998, nossa pesquisa não apenas observou essa “dependência acadêmica”, mas também formas de autonomia intelectual e científica. E se olharmos agora, face à globalização acadêmica, essas formas de resistência também existem no mundo central. Os trabalhos de Catherine Paradeise, por exemplo, na França, demonstraram que, ainda que com a imposição desses padrões globais, as universidades francesas continuam a ter as suas próprias dinâmicas e circulação local, e há uma tensão entre esses padrões exógenos e endógenos. Quero dizer que a disputa ou a debilidade da autono-

mia acadêmica vem sendo reforçada desde os anos 1990, tanto pelo *new management* quanto pela neoliberalização e pela mercantilização do conhecimento científico. E se hoje Bourdieu estivesse vivo, veria o campo acadêmico em distintos níveis de complexidade em termos de sua autonomia.

Além da evolução da relação entre autonomia e politização na própria carreira de Bourdieu, nossa leitura da relação entre autonomia acadêmica e a politização das ciências sociais nos anos [19]60 e [19]70 difere muito da fraca autonomia que Silvia Sigal apontava na época. Nos trabalhos histórico-estruturais que realizamos em nossa equipe sobre o campo acadêmico, no Chile, tentamos mostrar que a politização e a autonomia não foram contraditórias naquele período, dadas as condições daquele campo periférico particularmente internacionalizado e profissionalizado.

A institucionalização e a consolidação de uma sociologia latino-americana naquele período foram acompanhadas de formas relativamente autônomas de politização, com uma lógica diferente da dos partidos e também da dos movimentos sociais. Isto é muito fácil de mostrar no Chile, onde o exílio acadêmico teve tanto peso no desenvolvimento das novas correntes e dos estudos empíricos e teóricos que foram desenvolvidos naquela época. Entretanto, também se observa na Argentina, onde a *illúcio* militante levou os sociólogos a acreditarem que dedicaram suas vidas à Revolução, enquanto apenas alguns saltavam realmente fora dos muros da universidade para as organizações guerrilheiras ou para dedicar suas vidas ao mundo dos sindicatos. A maioria deles desenvolveu uma atitude militante em relação à universidade, e a sua vida diária nas cátedras e nas assembleias nacionais de estudantes foi bem diferente da de outros campos.

Então, creio que, desta forma mais heterodoxa, a leitura de Bourdieu nos permitiu desvendar a complexidade e a relatividade da autonomia acadêmica em um campo periférico. Anos mais tarde, articulamos essa leitura da reflexividade de Bourdieu com a tradição latino-americana, e usamos a noção de “heterogeneidade estrutural” para analisar os campos científicos no contexto atual.

Fernanda, você poderia falar um pouco mais acerca de como essas condições globais interferem na utilização do esquema analítico de Pierre Bourdieu?

Na minha opinião, o que tem a ver com os estudos da intelectualidade — que é o jeito mais comum de descrever as leituras de Bourdieu, e que, no devido tempo, fizeram Beatriz Sarlo ou Carlos Altamirano —, parece-me que Bourdieu se afirma para nós, que viemos dessa linha, como um referente fundamental para os estudos de um campo acadêmico “nacional” e da relevância que o campo nacional continua tendo atualmente. Por mais criticado que tenha sido durante os anos 1990 — e até nos últimos dez anos, pelo afrancesamento de sua representação e pelas referências ao campo francês —, a mim, ao contrário, as suas análises me ensinam a pensar, a reconhecer que estamos trabalhando a partir da perspectiva de um lugar onde estamos ancorados, e que, em seu caso, era a França. É isso nos obrigou a refletir sobre as diferenças em vez de fazer uma projeção analítica. Em nosso caso, da equipe de pesquisa, nos permitiu compreender as tensões que tem um espaço nacional como produto da sua posição dominada no nível internacional, mas sem, com isso, passar a considerar que desaparece o Estado nacional e, portanto, desaparecem os campos nacionais. Muito pelo contrário: interessou-nos compreender que transformações ocorrem

nessas comunidades tanto em condições globais como locais.

Em um espaço como o da Argentina, em que tanto as políticas científicas como as universidades permanecem nas mãos do público, estão inscritas sob políticas nacionais e institucionais nas universidades públicas, a globalização acadêmica não “coloniza” estes campos, mas atravessa uma fronteira de negociação espessa (ou porosa, dependendo do campo em questão), em diferentes níveis. Portanto, se um pesquisador ou um professor, para ingressar na universidade, que é pública, enfrenta padrões de avaliação — o que gera os princípios de legitimação, que se encontram vinculados às comissões nacionais, às regulações de universidades com autonomia institucional —, não podemos pensar que o campo nacional e a lógica local desapareceram.

Para mim, Bourdieu nos ajuda a não esquecer o espaço nacional e a reconfigurá-lo em função do papel que cumprem agora os circuitos de publicação nos processos de consagração em nível nacional. Então, hoje, nós trabalhamos o espaço nacional como espaço multiescalar. O espaço nacional existe, apesar de estar cruzado por circuitos tanto globais, transnacionais, como regionais latino-americanos, bem como locais. Então, não se deve perder de vista que esse esqueleto que nos dá o conceito de “campo” permanece funcionando com fundamental relevância.

Continuando sobre as especificidades do caso argentino (e de outras configurações nacionais, como a brasileira) e a menor diferenciação entre as esferas. Como você observa essa questão em seus estudos? E, novamente, poderia discorrer sobre os desafios que essas especificidades podem trazer ao uso do referencial analítico bourdieusiano?

Historicamente, os trabalhos que fizemos abordam uma análise histórica-estrutural desde o processo de institucionalização, nos anos 1940 e 1950, na América Latina, Brasil, Argentina e Chile, que são os países que mais conheço, particularmente nas ciências sociais.

Eu creio que desde os anos 1950 para cá, o processo de autonomização, no sentido de institucionalização e profissionalização, é um feito indiscutível. Então, se me dizem que essa indiferenciação das esferas produz, pelo menos no campo que eu trabalho, que é o campo científico, a impossibilidade de tomá-lo como um campo analítico diferenciado, digo categoricamente que se é possível trabalhar com a noção de campo é porque tem um processo de autonomização muito forte. O que não significa que a politização tenha sido refratada, porque como disse a vocês, o papel da política e o papel do que eu considero a relativa autonomização de uma politização própria desses espaços é uma constante. Mas não a politização entendida como a intromissão de algo externo, eu falo de um processo de politização relativamente autônomo, que tem os nossos campos intelectuais, que é distinto e pouco transferível para outros campos.

Muitos cientistas sociais argentinos circularam para doutoramentos e pós-doutoramentos pela França e estiveram/estão ligados a discípulos ou ex-discípulos de Pierre Bourdieu. Quais os impactos disso na reconfiguração do espaço das Ciências Sociais na Argentina, nas clivagens diversas no meio acadêmico, nas carreiras individuais etc.?

Eu conheço muito pouco a circulação de pesquisadores argentinos que ficam em

Buenos Aires no grupo de Bourdieu ou dos seus discípulos. Conheço muito pouco essa circulação porque, como disse a vocês, parece-me que na Argentina se produz, entre os bourdieusianos argentinos, um caminho de circulação diferenciado em Buenos Aires daquele que é feito no interior. No caso do interior, temos uma rede bastante consolidada que articula Misiones, Córdoba, Mendoza, também Santiago de Estero (onde está Ana Teresa Martínez). Nós nos lemos em uma construção permanente. Discutimos cada um com níveis, como sempre digo, de ortodoxias diferentes. Entretanto, Alicia Gutiérrez e Denis Baranger são minhas referências principais para saber se estou discutindo certamente com Bourdieu ou com a minha leitura de Bourdieu [risos]. Estou permanentemente a procurá-los como referência para compreender se nossas críticas são sólidas, se nossos novos conceitos são sólidos... Não por um respeito reverencial a Bourdieu, mas, ao contrário, por uma concepção da obra de Bourdieu como uma ferramenta... Mas não conheço outra dinâmica. Posso falar das redes Córdoba-Mendoza-Misiones, onde creio que, verdadeiramente, o impacto da circulação na França foi fundamental. Porque nós quatro — tanto Gustavo Sorá, que trabalhou com Bourdieu sobre as feiras do livro; Denis Baranger; como Alicia Gutiérrez, que foi um contato muito assíduo de Bourdieu e formou muitas gerações de bourdieusianos; como o meu caso, que fiz umas cinco residências de investigação no CSE (atual CESSP [Centre Européen de Sociologie et de Science Politique (CNRS/EHESS/Université Paris1-Panthéon-Sorbonne)]), entre 2004 e 2018, e continuo trabalhando com Sapiro, Heilbron, Gingras... — mobilizamos muito os contatos e as visitas que tivemos aqui em Mendoza e em Córdoba: de

Afrânio Garcia, Gisèle, Yves Dezalay, Sergio Miceli, Johan Heilbron...

Além disso, a partir daqui pude promover, na minha equipe de investigação, uma formação no uso da Análise de Correspondências Múltiplas, primeiro com um *workshop* mais informal, em 2009, e depois trazendo a Mendoza Johs Hjellbrekke, Frédéric Lebaron e Brigitte Le Roux, em 2013, para fazer o mesmo seminário de ACM que eles realizam em Paris. Como resultado, sete das 12 teses de doutoramento defendidas pelos investigadores da nossa equipe utilizaram a ACM nas suas pesquisas. Mas, também, muitos alunos de doutorado e colegas vieram de Córdoba e Santiago do Chile para realizar este seminário.

Creio que a dinâmica de que falo entre Mendoza, Córdoba, Misiones e França tem uma característica bastante particular que, pelo menos nos últimos 15 anos, ficou bem marcada: é que a equipe do Bourdieu, que mencionei, interessou-se cada vez mais pelas relações de poder e a circulação no âmbito internacional. Falo isso por conta de Dezalay, mesmo da Gisèle, com a circulação internacional de Bourdieu. Falo, obviamente, de Johan Heilbron, que trabalhou sempre as relações centro-periferia por meio da tradução. Parece-me que essa dinâmica no interior se adaptou muito a uma discussão internacional, que estes bourdieusianos se interessaram pelas relações centro-periferia por uma vocação muito forte de dialogar com a periferia. Então, nesses últimos dez, 15 anos, parece-me que a dinâmica que se organizou em torno dessas cidades argentinas foi uma dinâmica onde éramos parte de uma discussão e de um objeto que para eles é muito interessante. Então, não sei se está ligada, digamos, à dinâmica de discussão dos discípulos de Bourdieu dos anos

1970, 1980 e até 1990. Parece-me que é muito diferente o diálogo que se produz depois da morte de Bourdieu.

Fernanda, você poderia, para terminar, fazer um balanço sobre a importância da mobilização das estratégias de objetivação de espaços de poder, inspiradas nas reflexões e investigações de Pierre Bourdieu, para a formação de novos pesquisadores nas últimas décadas? De que forma modificou protocolos de investigação e usos de técnicas quantitativas e qualitativas de produção de dados?

No caso particular dos estudos que fizemos em conjunto com Denis Baranger em torno do campo científico argentino, creio que a Análise de Correspondências Múltiplas, sobretudo, a conjunção de uma abordagem quantitativa e qualitativa que se condensa nesse tipo de técnica, na verdade, tem muito a ver com a nossa observação dos campos nacionais como espaços de tensão entre princípios de legitimação. Isso nos obrigou a trabalhar tanto com as instituições quanto com os agentes individuais, em termos de campo. E nada melhor para poder compreender essas tensões que o olhar que oferece a Análise de Correspondências Múltiplas: a possibilidade de trabalhar nessa espacialidade geométrica as tensões e oposições que observamos nos campos. Agora, não com o objetivo de converter qualquer coisa em um campo analisável pela Análise de Correspondências Múltiplas. Nós nos opomos ferrenhamente a esse tipo de adaptação ao estilo de artefato. Longe de a utilizar como um artefato aplicável a qualquer objeto, é para nós uma via para a investigação, uma via para a pesquisa.

Então, pelo menos em nossa equipe, e compartilho com Denis Baranger, trabalha-

mos com grandes bases de dados de pesquisadores e instituições que nos permitiram, por exemplo, na Argentina, trabalhar com universos de institutos de pesquisa de todas as disciplinas, não só das ciências sociais; refiro-me, por exemplo, aos 1.050 institutos argentinos, aos 10 mil pesquisadores argentinos. Fizemos trabalhos com bases de dados de grande abrangência, e nada melhor para poder trabalhar esse tipo de dados do que incorporá-lo em *software* SPAD, cuja

licença compramos em 2008. Creio que nesse ponto foi importante que nossos trabalhos com ACM tivessem uma discussão internacional com distintos pesquisadores, com muito interesse para nós, mas também foi fundamental a rede de bourdieusianos na Argentina. É verdade que é uma técnica pouco utilizada, então foi e segue sendo fundamental para mim dialogar com Alicia Gutiérrez e Denis Baranger sobre as ACM dos nossos doutorandos (as).

Bibliografia

BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Minuit: Paris, 1984.

BOURDIEU, P. **The field of cultural production**: essays on Art and Literature. Ed. and introduced by Randal Johnson. New York: Columbia University Press, 1993.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. Sur les ruses de la raison impérialiste. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 121-122, p. 109-118, 1998.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. **Ofício de Sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

Resumo

O legado intelectual de Bourdieu e a gênese de um programa de pesquisa sociológica na Argentina: entrevista com Fernanda Beigel

A presente entrevista traça o percurso de formação intelectual e as principais incursões de pesquisa de Fernanda Beigel, socióloga argentina, pesquisadora principal do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) e professora da Facultad de Ciencias Políticas y Sociales da Universidad Nacional de Cuyo. Tomando por referência a relação que a autora estabeleceu com a “obra” de Pierre Bourdieu, o diálogo encetado permite identificar a importância do esquema analítico do autor francês no desenvolvimento de um programa de pesquisa sociológica original sobre a realidade social argentina, com especial enfoque ao espaço cultural e ao espaço acadêmico do país. Para além de permitir realizar uma incursão na gênese dos questionamentos sociológicos mobilizados nas pesquisas de Fernanda Beigel, a entrevista identifica a relevância das redes de intelectuais nacionais e internacionais que estão subjacentes à implementação prática de agendas de pesquisa constituídas. Os vínculos e as trocas em pauta dão indicações muito sugestivas sobre as modalidades de recriação do legado de Bourdieu na investigação sociológica dinamizada na Argentina.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Recepção de Bourdieu na Argentina; Campo Cultural; Campo Acadêmico.

Abstract

Bourdieu's intellectual legacy and the genesis of a sociological research program in Argentina: interview with Fernanda Beigel

This interview traces the intellectual background and main research incursions of Fernanda Beigel, an Argentine sociologist, main researcher at the Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) and professor at the Facultad de Ciencias Políticas y Sociales de la Universidad Nacional de Cuyo. Taking as reference the relationship that the author established with Pierre Bourdieu's “work”, the dialogue initiated allows us to identify the importance of the French author's analytical scheme in the development of an original sociological research program on the Argentine social reality, with a special focus on the cultural and academic space of the country. In addition to allowing an incursion into the genesis of sociological questions mobilized in Fernanda Beigel's research, the interview identifies the relevance of national and international networks of intellectuals that underlie the practical implementation of established research agendas. The links and exchanges under discussion give very suggestive indications about the modalities of recreation of Bourdieu's legacy in the sociological research promoted in Argentina.

Keywords: Pierre Bourdieu; Bourdieu's reception in Argentina; Cultural field; Academic field.

Résumé

L'héritage intellectuel de Bourdieu et la genèse d'un programme de recherche sociologique en Argentine : interview avec Fernanda Beigel

Cette interview retrace le parcours intellectuel et les principales incursions dans la recherche de Fernanda Beigel, sociologue argentine, la principale chercheuse au Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) et professeur à la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales de la Universidad Nacional de Cuyo. En prenant comme référence la relation que l'auteur a établi avec “l'œuvre” de Pierre Bourdieu, le dialogue engagé permet d'identifier l'importance du schéma analytique de l'auteur français dans le développement d'un programme de recherche sociologique original sur la réalité sociale argentine, en accordant une attention particulière à l'espace culturel et académique du pays. En plus de permettre une incursion dans la genèse des questions sociologiques mobilisées dans les recherches de Fernanda Beigel, l'interview identifie la pertinence des réseaux nationaux et internationaux d'intellectuels qui soutiennent la mise en œuvre pratique des agendas de recherche établis. Les liens et les échanges en question donnent des indications très suggestives sur les modalités de reconstitution de l'héritage de Bourdieu dans la recherche sociologique promue en Argentine.

Mots-clés : Pierre Bourdieu ; Réception de Bourdieu en Argentine ; Champ culturel ; Champ académique.